

DIOGO SOARES MOREIRA RODRIGUES

**Memorial do projeto experimental  
“Mamoré x URT – a maior  
rivalidade do interior mineiro”**

Viçosa-MG

Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

2012

Memorial de Projeto Experimental  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social/ Jornalismo da Universidade Federal  
de Viçosa, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo.

Orientador: Ernane Correa Rabelo

## **Agradecimentos**

Demonstro minha total gratidão às pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o lançamento deste livro:

Ernane Rabelo (orientador do Trabalho de Conclusão de Curso);

Décio Rodrigues (pai e jornalista), Dilma Maria Soares (mãe) e Diulia, Danilo e Dante (irmãos);

Pessoal do Jornal Folha Patense (Mário Teles, Sérgio Araújo, Esio Nogueira);

Adamar Gomes (Rádio Clube de Patos);

A todos os que contribuíram com entrevistas e material jornalístico (fotos e recortes de jornais);

Aos amigos Sukita, Pinheiro, Diego, Murilo, Assa-Fay, Daniel Da Lua, Ludog, Calango, Baby Sauro, Robertinho, Iconha, Ana Maura, Isabela, Conrado, Xandinho, Rodrigo, Diogo, Guilherme, JP, entre outros, que me acompanharam nos quase cinco anos de vida viçosense;

“Não consegui me tornar nada: nem bom, nem mau; nem canalha, nem honesto; nem herói, nem inseto. E hoje eu vivo meus dias no meu canto, zombando a mim mesmo com o amargo e inútil consolo de que um homem inteligente não pode seriamente tornar-se algo: somente um idiota o consegue.”

**Fiódor Dostoiévski**

“O futebol é a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes.”

**Arrigo Sacchi**

“A gente chamava o jogador de Santos Dumont, porque ele era o inventor. Você não entra em campo com a intenção deliberada de fazer isso ou aquilo. A jogada nasce no momento, dependendo da posição do seu corpo, da inclinação do seu corpo, do adversário, do modo como a bola chega. Mas é preciso ter habilidade para criar.”

**Fernando Dannemann**

Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Artes e Humanidades  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Mamoré x URT: a maior rivalidade do interior mineiro*, de autoria do estudante Diogo Soares Moreira Rodrigues, aprovada pela banca examinadora constituída por:

---

Professor Ernane Correa Rabelo (orientador)  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

---

Professora Hideide Brito Torres  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

---

Diego Abdou Obeid Alves  
Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa

Viçosa, 1º de novembro de 2012

**RESUMO:** Este memorial relata a base teórica e expõe o processo de produção do livro-reportagem “Mamoré x URT: a maior rivalidade do interior de Minas Gerais”, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O livro trata da história dos clássicos entre as equipes de Patos de Minas, desde sua primeira edição, em 1956, quando os times ainda eram amadores, até a última, em 2012, pela divisão de acesso do Campeonato Mineiro, passando por diversos relatos, dados e fatos que constroem uma narrativa de ordem cronológica acerca da história do confronto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol, Livro-Reportagem, Mamoré, URT, Patos de Minas

**ABSTRACT:** This memorial tells the theoretical basis and exposes the process of producing the book-report "Mamoré x URT: the greatest rivalry in Minas Gerais," produced as a final project for the graduate in Journalism the Federal University of Viçosa, Brazil. The book tells the history of the derbys among two teams of Patos de Minas, since it's first edition in 1956, when the clubs were still amateurs, to the last, in 2012, at the second level of Campeonato Mineiro, through various reports, data and facts to build a chronological order narrative about the history of the derby.

**WORD-KEYS:** Football, Book-Report, Mamoré, URT, Patos de Minas

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Justificativa.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A cidade de Patos de Minas.....</b>	<b>12</b>
<b>4. Marco Teórico.....</b>	<b>14</b>
<b>5. Metodologia.....</b>	<b>18</b>
<b>6. Descrição.....</b>	<b>23</b>
<b>7. Considerações Finais.....</b>	<b>25</b>
<b>8. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>26</b>

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo registrar, de forma inédita e por meio de um livro-reportagem, a rivalidade que mexe com os amantes do futebol em Patos de Minas: o confronto entre o Esporte Clube Mamoré e a União Recreativa dos Trabalhadores (URT).

Uma rivalidade que nasceu da várzea, do futebol amador de uma cidade localizada no Triângulo Mineiro, para se tornar a maior do interior do estado – exceto Belo Horizonte, nenhuma outra cidade de Minas Gerais possui, atualmente, dois clubes que se rivalizam tanto entre si. Para se ter uma ideia, o último confronto entre as equipes, disputado em abril de 2012, levou 7 mil pessoas ao estádio Bernardo Rubinger de Queiroz, casa do Mamoré. Considerando que a população de Patos de Minas é de aproximadamente 140 mil habitantes, 5% dos moradores da cidade assistiram ao jogo.

Mamoré e URT fazem o clássico da cidade de Patos de Minas desde 1956, ano em que foi disputado o primeiro campeonato amador organizado pela LPD, a Liga Patense de Desportos. Na ocasião, o Mamoré venceu a final do torneio justamente contra a URT, marcando o início de uma rivalidade que se intensificaria ao longo das cinco décadas e meia seguintes.

De lá para cá, muita coisa aconteceu até as equipes aderirem ao profissionalismo. O Mamoré suspendeu suas atividades futebolísticas por cerca de 15 anos, entre as décadas de 1970 e 1980. A URT, já com time profissional, disputou a segunda divisão do Campeonato Mineiro por algumas vezes em meados da década de 1980.

O primeiro clássico da fase profissional aconteceu durante a disputa do Campeonato Mineiro da Segunda Divisão de 1991. Coincidentemente, ao final do torneio, foram as duas equipes patenses que, naquele ano, conseguiram o acesso para a divisão de elite do futebol estadual – o Mamoré sagrou-se campeão, enquanto que a URT ficou com o vice-campeonato.

Desde a profissionalização até o ano de fechamento deste trabalho (2012), foram realizados 37 clássicos entre Mamoré e URT. O Trovão Azul, como é chamada a URT devido ao time de 1985, que encantou os torcedores e quase subiu para a primeira divisão, leva vantagem sobre o rival: são 14 vitórias, contra nove do Mamoré. Também ocorreram 14 empates. Foram marcados, ao todo, 69 gols: 39 deles pela URT e 30 pelo Mamoré.

Visando registrar a história de um confronto de tamanha importância no cenário do futebol mineiro, tomei a decisão, praticamente dois anos antes da minha formatura, produzir um livro-reportagem sobre a história de Mamoré x URT.

Este memorial visa demonstrar como foi feito o processo de realização do livro, desde o início da apuração, nos arquivos do Jornal Folha Patense, passando por entrevistas com personagens que marcaram a história dos times – tanto na época do futebol amador quanto na época do futebol profissional – e chegando à busca de fotos e cobertura *in loco* do clássico, nos jogos que aconteceram de 2010 a 2012.

## 2. Justificativa

O primeiro passo para a produção do livro foi a paixão que desenvolvi pelo futebol, desde quando era uma criança. Segundo minha mãe, aos três anos eu preferia assistir ao Globo Esporte ao invés dos desenhos que eram transmitidos pela televisão na parte da manhã. Com essa idade também tive o meu primeiro álbum de figurinhas, do Campeonato Brasileiro de 1993, o qual contribuiu consideravelmente para o aumento do meu interesse sobre o esporte.

A primeira partida que me lembro de ter assistido em um estádio de futebol foi um Mamoré x Cruzeiro, pelo Campeonato Mineiro de 1996, no Estádio Waldomiro Pereira, em Patos de Minas – um jogo que terminou com a vitória do time de Belo Horizonte por 5 a 0.

Depois disso, passei a acompanhar os times de Patos de Minas nas competições em que disputavam. Primeiramente, ia ao estádio somente quando os times grandes do estado (Atlético e Cruzeiro) viajavam a Patos para jogar. Mais tarde, quando fiquei mais velho e, conseqüentemente, com uma paixão mais esclarecida pelo futebol, qualquer Mamoré x Paraisense ou URT x Fabril era motivo para sair de casa e ver a bola rolando nos gramados do Waldomiro Pereira e do Zama Maciel.

Acompanhei o futebol em Patos de Minas – de forma presencial – até me ausentar da cidade para ingressar no curso de Comunicação Social/Jornalismo em Viçosa, no início de 2008, para estudar jornalismo, já com a intensão prévia de me tornar um jornalista esportivo. Mesmo estando mais de 600km distante da minha cidade natal, continuei acompanhando o cotidiano de Mamoré e URT via internet e rádio.

Na época apenas a URT disputava competições, pois o Mamoré estava sem estádio e suspendeu suas atividades. Na volta do Sapo ao futebol profissional, em 2009, quando disputou a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro, assisti pela primeira vez a uma partida estando dentro do campo, num feriado prolongado em que viajei para Patos de Minas. O Mamoré jogava contra o Pouso Alegre e, no segundo tempo, peguei a câmera do jornal Folha Patense e desci ao gramado do recém inaugurado Estádio Bernardo Rubinger para fotografar os últimos instantes da vitória mamorense sobre o time do sul mineiro por 5 a 1.

No início de 2010 eu me encontrava em Patos de Minas, de férias da universidade, e pude assistir às três primeiras rodadas do Módulo II. Foi quando tive a ideia de escrever um livro que pudesse guardar para sempre as histórias curiosas e registrar os dados do clássico entre Mamoré e URT no meu Trabalho de Conclusão de Curso. A opção por um projeto experimental se deveu à vontade pessoal de aliar a teoria aprendida ao longo do curso com um trabalho de ordem prática.

A opção pelo livro-reportagem, oportunidade de praticar o jornalismo literário, se deveu à necessidade de

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006).

Dessa forma, como afirmou PENA (2006), seria possível criar uma obra que armazenasse os relatos sobre a rivalidade entre Mamoré e URT de forma duradoura, profunda e precisa.

A disciplina de Webjornalismo, ministrada pelo professor Carlos D'Andréa no segundo semestre de 2010 e cuja ementa continha a criação de um blog, também me colocou em maior contato com o tema do meu futuro trabalho de conclusão de curso. Juntamente com os colegas Lucas Bobst, Diego Mendes e Murilo da Luz, criei o blog *Arquirrivais* ([arquirrivais.blogspot.com](http://arquirrivais.blogspot.com)), o qual tratava de rivalidades regionais entre clubes – tanto brasileiros quanto estrangeiros. Foram produzidos posts com profunda carga de pesquisa, tratando de clássicos como Bahia x Vitória, Figueirense x Avaí e Boca Juniors x River Plate, além da cobertura *in loco* do clássico Mamoré x URT no dia 12 de fevereiro de 2011, realizado no dia 12 de fevereiro, no estádio Bernardo Rubinger de Queiroz.

### **3. A cidade de Patos de Minas**

Patos de Minas é um município localizado no oeste do estado de Minas Gerais, na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Com cerca de 140 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE, de 2011, a cidade é considerada a “Capital Nacional do Milho”, e é reconhecida pela famosa Festa Nacional do Milho, a Fenamilho, que ocorre no fim do mês de maio e – nas edições mais recentes – no princípio do mês de junho.

As principais atividades econômicas do município se concentram no agronegócio, principalmente na produção de milho, arroz, soja, feijão e café. De acordo com o Censo Agropecuário do IBGE, de 2008, Patos de Minas é o segundo município que mais produz leite no Brasil, atrás apenas de Castro, no Paraná.

O nome da cidade tem origem numa fazenda chamada "Os Patos", de propriedade de Antônio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa, Luiza Correia de Andrade. Em julho de 1826, eles doaram, segundo o próprio documento de transferência de posse diz, "uma sorte de terras ao glorioso Santo Antônio, a fim de se edificar um templo e também para cômodo dos povos". A partir daí, a terra começou a ser povoada e construções foram elevadas na localidade, que passou a ser conhecida como Arraial de Santo Antônio dos Patos da Beira do Rio Paranaíba. Por causa da oferenda do casal, Santo Antônio ficou marcado como o padroeiro da cidade e, mais tarde, foi decretado que o dia dedicado a esse santo – 13 de junho – seria considerado feriado municipal.

O arraial foi elevado à condição de distrito do município de Araxá em 1832. Assim ficou até 1842, quando os habitantes do povoado, descontentes com a situação, solicitaram a mudança de vínculo e o arraial passou a fazer parte da Vila de Patrocínio, que acabara de ser fundada.

Após uma luta junto ao governo de Patrocínio, que não queria perder seu distrito, a localidade ganhou a condição de vila: em 1868 foi instalada a Câmara Municipal da Vila de Santo Antônio de Patos. Em 1881 foi criada a comarca da vila e, finalmente, no dia 24 de maio de 1892, beneficiada pela lei que elevava a cidade todas as vilas sedes de Comarcas, a localidade se transformou em município, com o nome de Patos.

Entretanto, já havia uma cidade com esse nome no estado da Paraíba e, para fazer a distinção, a cidade passou a se chamar Guaratinga. Essa mudança gerou uma grande insatisfação nos habitantes e, em 3 de junho de 1945, após requerimentos enviados ao

governo do estado de Minas Gerais, o município ganhou o nome que perdura até o hoje:  
Patos de Minas.

#### 4. Marco Teórico

O futebol foi trazido ao Brasil por Charles Müller, no fim do século 19. A popularização do esporte no país se deu pelos jornais e, principalmente, pelo rádio, que na década de 1930 foi de fundamental importância para a difusão do esporte.

Um fato marcante para a popularização do futebol no Brasil foi a transmissão, via rádio, da Copa do Mundo de 1938, realizada na França. Na voz do locutor Gagliano Neto, milhares de brasileiros puderam acompanhar ao vivo a campanha da Seleção Brasileira, que terminaria o torneio na terceira posição. Uma reportagem do Jornal Estado de São Paulo dizia “*Mil homens, mil chapéus, na assistência da Praça Patriarca. Outros pontos de aglomeração para ouvir o jogo: Praça Antônio Prado, Líbero Badaró, Praça da Sé, Largo da Misericórdia*”.

Começando a ganhar popularidade, o futebol levava as pessoas a se unirem em torno de uma paixão. Torcer, vibrar e acompanhar o esporte, com o tempo, foi se tornando um hábito do povo brasileiro.

O futebol foi e continua sendo um elemento importante da cultura brasileira. Enquanto fenômeno social, sempre esteve muito em consonância com a forma de a sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, religião, música e outros. Sendo assim, o futebol expressa a própria sociedade brasileira em sua forma de manifestação cultural construída historicamente. (RINALDI, 2000, p.167-68).

Com a popularização do futebol no país, surgiram jornais específicos para fãs de esporte, cujo carro-chefe era o futebol. Em 1931 foi criado o *Jornal dos Sports*, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Durante 30 anos (de 1936 a 1966), o periódico foi presidido pelo célebre jornalista Mário Filho, que veiculava nas páginas do jornal diversas crônicas defendendo a construção de um estádio para a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Como homenagem, o estádio que receberia a final do torneio – o Maracanã – foi batizado com o seu nome.

Em São Paulo, por sua vez, foi criado, tendo como principal incentivador o jornalista Cásper Líbero (apesar de ter falecido três anos antes do lançamento da primeira publicação), o periódico *A Gazeta Esportiva*, no ano de 1947. Durante anos A

*Gazeta* organizou competições populares e colegiais de futebol, basquete, tênis, pesca, entre outros esportes. Assim como o *Jornal dos Sports*, a *Gazeta Esportiva* foi de suma importância para a divulgação do futebol entre as camadas populares da sociedade brasileira.

Ao longo da história do jornalismo esportivo brasileiro, vários nomes, como, por exemplo, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, incluíram um tom literário aos seus textos, que podem ser considerados, por gênero, como crônicas.

Essa liberdade para “brincar” com os fatos é uma marca do jornalismo esportivo: para se ter um exemplo, basta acompanhar uma partida ao vivo (seja por transmissão televisiva ou ao vivo, no estádio) e, ao mesmo tempo, ouvir a transmissão do mesmo jogo pelo rádio. A linguagem utilizada nas transmissões radiofônicas fantasiam os lances, superlativam e enfeitam as jogadas, com a intensão de desenhá-las na imaginação do ouvinte.

A liberdade que o jornalista esportivo possui pode ser comparada a de um jornalista literário, que também não está preso a um tipo de jornalismo estático e inflexível, o qual segue a tese da pirâmide invertida e está cada vez mais moldado por padrões pré-estabelecidos. O livro-reportagem permite que o autor saia dessas amarras e possa fluir o texto de forma mais agradável e menos concisa.

O estilo do escritor-jornalista muitas vezes se vê sufocado pelas exigências de tempo, espaço e manuais de estilo das redações em que trabalha. No livro, o texto ganha contornos amplos: permite uma concepção mais literária, dá margem a diferentes construções, quase sempre impraticáveis em um jornal ou uma revista [...] Não é à toa que o livro-reportagem tem sido praticamente o único meio de se exercer, no Brasil, o jornalismo literário, gênero em que a experimentação é possível e em que forma e conteúdo gozam de igual importância (BELO, 2006, p. 119).

No entanto, essa liberdade ao escrever deve ser tratada com cuidado. Ao falar sobre um assunto como o futebol, que envolve paixões, o escritor precisa dosar bem as pitadas de emoção que dá ao texto, sobretudo quando se trata de uma rivalidade entre dois clubes de uma mesma cidade. Nesse caso, há de se dar atenção também à imparcialidade, para que uma parte do público-alvo (que são os torcedores das equipes)

não se sinta desvalorizado ou subestimado em relação ao rival. Como tratam Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel,

O esporte em si já tem certo grau de emoção. E sabemos que não é fácil, no jornalismo esportivo, dosar coração com razão. A TV, a todo momento, “produz” o drama do esporte em partidas que não são tão comoventes assim. O perigo fica para a espetacularização de imagens e eventos. E o que é pior, quando a alta dose de emoção transforma ídolos em mitos e atletas em semideuses. Somam-se à partida, a edição de imagens, músicas inesquecíveis, lances repetidos a exaustão e o nacionalismo exacerbado. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 46-47)

No livro *Mamoré x URT: a maior rivalidade o interior mineiro*, os 56 anos de história do clássico são retratados de acordo com as bases do jornalismo esportivo apresentadas durante a graduação em Jornalismo pela UFV, bem como aprendida na bibliografia comentada. A escolha pelo formato de livro-reportagem se deveu pela profundidade que é possível ser alcançada por tal meio, bem como a capacidade tradicional da forma impressa de registrar e compilar fatos e dados, como explica BELO (2006):

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. (...) É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e represente, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41)

Segundo LIMA (2004),

O aprofundamento é extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitem aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento. (LIMA, 2004, p. 40)

Ao longo da escrita da obra, optei por mesclar o aprofundamento extensivo com o aprofundamento intensivo (ambos descritos acima por Lima), utilizando tanto de dados que fornecessem informações rápidas e de extrema precisão ao leitor (vide os últimos capítulos do livro, como *Artilheiros* e *Quem Mais Treinou*), quanto de relatos com maior aprofundamento, como nas diversas histórias contadas pelos entrevistados e repassadas pelo autor de forma a encaixá-las em um contexto que fornecesse sentido pleno e certas doses de emoção ao leitor (vide o caso de Leandro Amaral, relatado no capítulo *2003 a 2005 – Lutas contra o rebaixamento e redenção da URT*).

Tal emoção, antes de ser repassada ao leitor, passou por várias triagens. Primeiro, ela foi interpretada pelo entrevistado e depois remanejada no seu modo de contá-la ao entrevistador. A partir daí, o entrevistador julgou os fatos contados e a emoção contida neles, para finalmente repassá-las ao papel. Como explica Tom Wolfe, um dos fundadores do *New Journalism*,

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para exercitar tanto intelectual quanto emocionalmente o leitor (WOLFE, 2005, p. 28).

## **5. Metodologia**

### **Pré Produção**

A leitura de bibliografias que pudessem colaborar com a produção do livro-reportagem começou logo no primeiro ano de faculdade, em 2008, quando tive interesse em ter contato com obras que discorressem sobre o jornalismo esportivo. Na época, li os títulos *Jornalismo Esportivo*, de Paulo Vinícius Coelho (PVC, jornalista do canal *ESPN Brasil*), e *Manual do Jornalismo Esportivo*, de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel.

No ano que antecedeu a produção do livro, busquei outros livros-reportagens sobre esporte, os quais foram escritos por ex-alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa durante a produção dos seus TCCs. São eles: *É disso que o Povo Gosta - A História das Transmissões Radiofônicas de Futebol em São João del-Rei*, de Rodrigo Resende; *Fiel! Tem urubu na toca – histórias de torcedores*, de Carolina Reis; *Memórias do Barbosinha: 70 anos de história no futebol viçosense*, de Diego Alves e Felipe Pedroza; e *Associação Atlético Caldense: 85 anos de Histórias e Futebol*, de André Vince.

Também foi de suma importância a leitura dos títulos *Livro-reportagem*, de Eduardo Belo, além de *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* e *O que é livro-reportagem*, ambos de Edvaldo Lima.

### **Produção**

As primeiras atividades realizadas foram fotografias no primeiro clássico de 2010, disputado pelo Módulo II do Campeonato Mineiro – a primeira vez do confronto na nova casa do Mamoré, o estádio Bernardo Rubinger. No princípio de 2011, com os times novamente no Módulo II, repeti o mesmo procedimento.

Nas férias de dezembro de 2010 até fevereiro de 2011 eu estive em Patos de Minas e tomei a iniciativa de conversar com meu pai, Dércio Rodrigues, jornalista do semanário *Folha Patense*, que tinha uma lista com as datas e placares de todos os clássicos realizados na era profissional. Consultei no arquivo da *Folha Patense* todas as

resenhas escritas nas datas próximas (tanto anteriores quanto posteriores) aos jogos, fotocopiando cada página, para uma futura consulta – mais atenciosa – aos textos.

Também fui ao encontro do radialista Adamar Gomes, chefe da equipe de esportes da Rádio Clube de Patos de Minas, que possui um arquivo com as fichas técnicas completas de todos os clássicos, contendo, além de estádio, data e placar de cada partida, escalações, gols, cartões e árbitros que participaram dos jogos. A partir daí pude levantar dados estatísticos, como o jogador que mais jogou o clássico, aquele que fez mais gols, o que levou mais cartões vermelhos, o treinador que mais treinou, o árbitro que mais apitou, os maiores períodos de invencibilidade conseguidos pelas equipes, os estádios mais utilizados, entre outros fatores. Adamar também indicou alguns nomes de ex-jogadores – principalmente ligados ao período amador do clássico – que vivenciaram a rivalidade entre Mamoré e URT.

A partir daí resolvi adotar o método de entrevistas para nortear a pesquisa histórica a ser realizada. Essa escolha foi baseada no que Santos (2005) define como aquela mais utilizada, ao longo da história, para o desenvolvimento de conhecimento em processos sociais.

Entrevistas, depoimentos e histórias de vida são técnicas que vêm sendo utilizadas já há bastante tempo para se conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos sociais desde a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos. (SANTOS, 2005, p.3)

Parti para tal etapa quando estive de férias em Patos de Minas, no período de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012. A primeira entrevista foi realizada com Fernando Dannemann, ex-jogador de ambas as equipes, mas nome marcado na história da URT, onde atuou nos anos 1960. Dias depois fui ao encontro de José Miguel Barbosa, que também já fez parte das duas equipes, mas é mais reconhecido pelas atuações na equipe do Mamoré, nas décadas de 1950 e 1960.

Foi possível notar alguns pontos frágeis no método de entrevista, como a exatidão de dados. Para ter certeza de que certas informações contadas por um entrevistado eram verídicas, recorri ao arquivo do site RSSSF (*rsssf.com*) – um excelente banco de dados, que conta com as tabelas dos campeonatos mineiros mais recentes (da década de 1990

até então). Esse site também norteou o trabalho em outros pontos, como, por exemplo, a situação vivida pelos clubes dentro do campeonato às vésperas de cada clássico: quantos pontos cada equipe havia somado, quantos pontos precisaria para se classificar, entre outros fatores.

Aproveitei também para fazer a cobertura do primeiro clássico do ano, jogado no Estádio Zama Maciel, novamente pelo Módulo II do Campeonato Mineiro. Após o retorno das aulas em Viçosa, voltei para Patos de Minas apenas no mês de abril, na época do feriado prolongado da Semana Santa, quando aconteceria o clássico do segundo turno. Além do período que compreendeu o “feriadão”, permaneci na cidade por mais uma semana, com a finalidade de realizar as últimas entrevistas necessárias para concluir a apuração. Também me desloquei ao acervo fotográfico do *Jornal Folha Patense* e digitalizei (com autorização da empresa) aproximadamente 120 fotografias referentes a Mamoré e URT, tiradas entre os anos 1993 e 2005, as quais julguei interessantes para utilizar no livro.

Também consultei o arquivo da Nossa TV (NTV), afiliada da Rede Minas em Patos. Lá consegui os vídeos com os melhores momentos de todos os jogos desde 2005, quando o arquivo da emissora passou a ser digital (gravado em DVDs, e não em fitas VHS).

De volta a Viçosa, dei início ao passo seguinte na produção do projeto experimental: a escrita do livro-reportagem. Organizei o material de modo a dar uma lógica cronológica à história do clássico Mamoré x URT. No entanto, antes de introduzir tal lógica na escrita do livro, há quatro capítulos introdutórios, produzidos com a finalidade de ambientar o leitor acerca do lugar onde se passam as histórias e dos clubes que são objeto de estudo dela. Como Edvaldo Lima trata em sua obra *Páginas Ampliadas*,

os segmentos que formam uma narrativa extensa, como a de um livro-reportagem, requerem hábil tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões, questões, de modo a haver, no todo, uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia (LIMA, 2004, p. 166).

Depois disso foi introduzida a lógica cronológica ao livro-reportagem, que perpassa sobre o histórico do clássico entre Mamoré e URT desde sua era amadora, passando pelo início do profissionalismo e chegando até os dias atuais, através de 11 capítulos principais e quatro capítulos complementares.

Após ter o material completamente escrito, a amiga Ana Laura Fontes me ajudou a revisá-lo. Com o texto pronto e revisado, selecionei as imagens que seriam úteis ao livro e parti para a última etapa do processo, na qual o livro foi diagramado.

### **Diagramação**

Aproveitei da minha experiência no ramo da diagramação (trabalho com a área no estágio e em trabalhos freelances desde 2009) para não depender de terceiros nesta etapa.

Elaborei o projeto gráfico do livro no princípio do ano de 2012, adotando apenas quatro cores para a diagramação: além do preto, presente no texto corrido, as cores principais das duas equipes – verde (Mamoré) e azul (URT) – e o laranja, que serviu de apoio para os títulos de cada capítulo e para as legendas das fotografias.

As fontes escolhidas foram *Minion Pro* (com serifas, para textos mais longos) e *Myriad Pro* (para títulos e textos curtos). A outra fonte utilizada foi *Calibri* (para a numeração das páginas).

Depois de ter o texto pronto e selecionar as imagens, duas madrugadas foram suficientes para finalizar a diagramação.

A impressão do livro foi feita numa gráfica rápida da cidade de Viçosa, a *LC Cópias*. Como pretendo reeditar o livro para lançá-lo em Patos de Minas, optei por imprimir apenas três exemplares, um para cada integrante da banca.

Eis os dados do livro, após a diagramação:

Formato: 14,8 cm x 21 cm (papel tamanho A5).

Número de páginas: 170.

Páginas: papel sulfite 75g.

Capa: colorida, papel fotográfico 240g.

## 6. Descrição

O livro-reportagem *Mamoré x URT: a maior rivalidade do interior mineiro* foi dividido em 11 capítulos principais (*Introdução; A cidade de Patos de Minas; O Esporte Clube Mamoré; A União Recreativa dos Trabalhadores; A era amadora; 1991 a 1993 – O início do profissionalismo; 1995 e 1996 – Mamoré campeão do interior; 1998 – A volta do Trovão Azul à elite; 2001 e 2002 – Caminhos distintos; 2003 a 2005 – Lutas contra o rebaixamento e redenção da URT; e 2010 a 2012 – Novo estádio, nova era*), além de quatro capítulos especiais (*A Seleção do clássico; Hinos; Marchinhas e Fichas Técnicas*) e seções contendo números, dados e estatísticas sobre os confrontos da era profissional do clássico.

Na *Introdução* o tema é tratado de forma abrangente, de forma a apresentar para o leitor o tema tratado nos capítulos seguintes. O capítulo *A cidade de Patos de Minas* ambienta o leitor sobre o espaço onde a história acontece, contando dados sobre o lugar e falando um pouco sobre a história da cidade.

Os capítulos *O Esporte Clube Mamoré* e *A União Recreativa dos Trabalhadores* discorrem brevemente sobre a história dos dois clubes que são objeto de estudo do livro-reportagem. Em *A era amadora*, são tratados temas relacionados ao princípio da rivalidade entre Mamoré e URT: quando e como ocorreram os primeiros jogos, as primeiras finais de campeonato, as primeiras provocações entre torcedores, além dos grandes nomes que passaram pelos times quando o único incentivo para jogar futebol em Patos de Minas era o amor à camisa e ao esporte.

O capítulo *1991 a 1993 – O início do profissionalismo* fala como os dois times se profissionalizaram e discorre sobre os clássicos que aconteceram entre os anos referidos, os primeiros da era profissional do dérbi. Em *1995 e 1996 – Mamoré campeão do interior*, é discutido o primeiro ano – após o começo da era profissional – em que não ocorreu o clássico.

A parte seguinte do livro, *1998 – A volta do Trovão Azul à elite*, discorre sobre a primeira queda de divisão do Mamoré após atingir a elite do futebol estadual e o encontro das duas equipes no Módulo II do Campeonato Mineiro daquele ano, competição que fez a torcida da URT conhecer aquele que seria um dos maiores ídolos

da equipe: o atacante Ditinho, maior artilheiro da história do clube e dos clássicos Mamoré x URT.

Em *2001 e 2002 – Caminhos distintos* é tratada a volta do Mamoré a elite e a conquista do título simbólico de campeão mineiro do interior, no Campeonato Mineiro de 2001, e a consequente classificação da equipe para o torneio regional Liga Sul Minas do ano seguinte; comparando a situação com sua rival URT, que foi obrigada a se contentar em participar de um Campeonato Mineiro sem os clubes grandes do estado.

O capítulo *2003 a 2005 – Lutas contra o rebaixamento e redenção da URT* trata das batalhas contra o rebaixamento travadas – e vencidas – pelos clubes patenses nos Campeonatos Mineiros de 2003 e 2004, e o torneio de 2005, que decretou o descenso do Mamoré e teve a URT como semifinalista.

Em *2010 a 2012 – Novo estádio, nova era* é tratado o período em que o Mamoré ficou inativo devido à venda do Estádio Waldomiro Pereira para uma rede de supermercados, e o processo de construção e inauguração do novo estádio do clube – o Bernardo Rubinger. Enquanto isso, acompanha o descenso da URT no Campeonato Mineiro. Fala também da emoção do torcedor em poder ir ao estádio assistir ao clássico patense após exatos cinco anos, quando os times se reencontraram no Módulo II. Por fim, fornece detalhes dos clássicos ocorridos em 2011 e 2012.

Após o fim cronológico da história do clássico, decidi escrever quatro capítulos especiais. Em *A Seleção do clássico*, Dércio Rodrigues, colunista esportivo da *Folha Patense*, faz uma escolha dos 11 atletas e do treinador que, em sua opinião, mais se destacaram na era profissional do confronto Mamoré x URT.

O capítulo *Hinos* traz a letra e os dados (compositor, letrista) dos hinos das duas equipes. Em *Marchinhas* há as letras de marchinhas de carnaval cantadas para Mamoré e URT desde os anos 1960, as quais acabaram se popularizando entre os torcedores. *Fichas Técnicas* traz os dados – escalações, gols marcados, cartões amarelos e vermelhos, trio de arbitragem – de todos os clássicos desde a era profissional.

## **7. Considerações Finais**

Para fazer um livro-reportagem sobre um assunto nunca antes tratado, como esse, foi preciso fazer uma abordagem afundo dentro da história do clássico. Por algumas semanas, foi preciso esquecer parte da vida cotidiana e dar atenção especial a Mamoré e URT, e a todos os fatos que cercam o clássico.

As entrevistas realizadas confirmaram muitos fatos já pensados anteriormente, devido a algumas histórias que já havia ouvido de pessoas que se relacionavam com os bastidores das duas equipes. Também surgiram vários outros fatos, muitos deles bastante inusitados. Também foi preciso lidar com a versão diferente de cada entrevistado a um mesmo fato, e depois balancear as versões para se chegar a um lugar comum.

A história do clássico Mamoré x URT foi destrinchada para ser colocada no papel em forma de livro-reportagem, uma vertente de jornalismo que sai da concepção de velocidade e urgência do jornalismo diário, que muitas vezes é prejudicado pela falta de tempo para se trabalhar um fato. Contrariando esse estigma, neste livro houve a oportunidade de colher os fatos e depois semeá-los de forma calma e profunda ao longo de suas páginas. Essa obra deixará um legado de extrema relevância para a cidade de Patos de Minas e a história do futebol praticado no município.

Aos próximos estudantes que optarem por produzir um material semelhante, deixo minha mensagem de que o amor ao jornalismo e ao esporte são fundamentais para realizar uma obra como essa. É necessário procurar ser exato, preciso nas informações, sem ser quadrado, ter o texto limitado, como em muitos exemplos do jornalismo atual. É preciso entrar de cabeça no assunto e se libertar de qualquer amarra que sirva de empecilho para a criação de qualquer texto. Acima de tudo, é preciso ter prazer ao se produzir um trabalho. Se você gosta do que faz, nem percebe que está fazendo.

## 8. Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção comunicação)

WOLFE, Thomas. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução José Rubens Siqueira; São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.

RINALDI, Wilson. **Futebol: manifestação cultural e ideologização**. Revista da Educação Física / UEM: 2000, v. 11, n.1. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804/2618>>. Acesso em 13 out. 2012.

SANTOS, A. C. S. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Curitiba: DAP, 2005 (texto para discussão). Disponível em: <[http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/txt\\_ACASantos.pdf](http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/txt_ACASantos.pdf)> Acesso em 14 out. 2012

RSSSF, The Rec Sport Soccer Statistics Foundation. **Brazil - Minas Gerais - Third Level**. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/tablesfq/mg3camp.htm>>

RSSSF, The Rec Sport Soccer Statistics Foundation. **Brazil - Minas Gerais - Second Level**. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/tablesfq/mg2camp.htm>>

RSSSF, The Rec Sport Soccer Statistics Foundation. **Brazil - Minas Gerais State.**

Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/tables/q/mgcamp.htm>>